



A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Danilo Lenine Ferreira do Amaral¹

RESUMO

Esta pesquisa analisou dois planos de aulas com o tema sobre o mundo do trabalho no campo e na cidade. Trata-se de planos de aulas de geografia para o 4º ano do ensino fundamental, com a proposta de identificar no campo e na cidade as diversas formas de trabalho. O objetivo geral dessa pesquisa é apresentar as contribuições da teoria da produção do espaço para a educação geográfica. Partimos da análise de dois planos de aula que tratam das relações campo e cidade e os seus aspectos ideológicos (imateriais e materiais). Os alunos podem morar na cidade e/ou no campo; um elemento fundamental é considerar que eles vivem e experienciam o espaço de diferentes maneiras. Existem diferenças na produção do espaço urbano e do rural, tanto o campo como a cidade são lugares de produção de relações. Cabe ao professor transformar os conteúdos, apresentar a produção do espaço urbano e do espaço rural, para que os alunos desenvolvam uma compreensão sobre as espacialidades dos fenômenos. A produção do espaço é uma teoria de como ler/viver a realidade social e superá-la.

Palavras-chave: Produção do espaço; Educação geográfica; Espaço; Henri Lefebvre.

RESUMEN

Esta investigación analizó dos planes de lecciones con el tema sobre el mundo del trabajo en el campo y en la ciudad. Estos son los planes de estudio de geografía para el 4º año de la escuela primaria, con la propuesta de identificar las diferentes formas de trabajo en el campo y en la ciudad. El objetivo general de esta investigación es presentar las contribuciones de la teoría de la producción espacial a la educación geográfica. Partimos del análisis de dos planes de estudio que abordan las relaciones entre el campo y la ciudad y sus aspectos ideológicos (inmateriales y materiales). Los estudiantes pueden vivir en la ciudad y / o en el campo; un elemento clave es considerar que viven y experimentan el espacio de diferentes formas. Existen diferencias en la producción del espacio urbano y rural, tanto el campo como la ciudad son lugares de producción de relaciones. Corresponde al docente transformar los contenidos, presentar la producción del espacio urbano y del espacio rural, para que los estudiantes desarrollen una comprensión de la espacialidad de los fenómenos. La producción del espacio es una teoría de cómo leer / vivir la realidad social y superarla.

Palabras clave: Producción del espacio; Educación geográfica; Espaço; Henri Lefebvre.

INTRODUÇÃO

Ao analisar o plano de aula é possível verificar o desenrolar do plano de ensino. Ao tratar desse aspecto que faz parte do processo de ensino e aprendizagem do aluno,

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Alfenas (PPGEO - UNIFAL/MG), danilo.lenineamaral@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Bolsista da FAPEMIG no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Alfenas (PPGEO - UNIFAL/MG).



enquanto uma ferramenta, é fundamental analisar o plano de aula para compreender alguns desafios que são lançados para o desvendamento das estruturas teórico-metodológicas da ciência geográfica e os aspectos pedagógicos de um plano de ensino.

Muito se discute sobre a padronização do ensino no Brasil. Em consequência disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem como proposta ser uma ferramenta para a uniformização do currículo nas redes públicas e particulares de ensino de todo o país. Quais são as consequências de uma padronização curricular? O impacto na criatividade dos alunos, o controle do trabalho docente, a reprodução dos conteúdos prontos, o investimento das empresas em apostilamentos e na formação de professores. Como padronizar o aprendizado em um país de escalas continentais como o Brasil? É possível padronizar o ensino e aprendizagem sem afetar a criatividade? É possível padronizar a vida cotidiana? Sim, é possível padronizar todos esses aspectos, com o objetivo de atender o grande capital, e, também, que este possa instaurar os elementos da sociedade burocrática de consumo dirigido². Qual seria uma outra proposta? Poderíamos falar sobre orientações curriculares, sempre considerando o espaço vivido de cada sujeito, relacionada com a totalidade mundo e o fortalecimento da educação geográfica.

O objetivo desta pesquisa é apresentar as contribuições da teoria da produção do espaço para a educação geográfica, através da análise de dois planos de aula que tratam das relações campo/cidade e os seus aspectos ideológicos (imateriais e materiais). A pesquisa coloca em evidência as dimensões da espacialidade (concebido, percebido e o vivido) presentes na produção do espaço para pensar uma educação geográfica de forma crítica. Outros pontos analisados passam pela identificação de quem produz o plano de aula, especificar alguns elementos trabalhados, por último, sistematizar alguns apontamentos críticos sobre os planos de aula.

A produção do espaço é uma teoria que mobiliza alguns “conceitos”, sem o objetivo de categorizar e formar conceitos fechados, pois, o conhecimento é formado em uma totalidade aberta. A educação geográfica relacionada à produção do espaço pode contribuir para apreensão das formações socioespaciais da cidade e do campo, e, também, estimular de forma criativa o processo de ensino e aprendizado da ciência

² LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros, 1991.



geográfica. A abordagem marxista-lefebvriana³ permite pensar através do materialismo histórico e dialético, para além de um sentido economicista e material da realidade.

Nos atentamos nesta pesquisa aos conceitos e categorias trabalhados nos planos de aula, pois, entendemos que para compreender o mundo ao seu redor o aluno deve ser o sujeito do conhecimento. É preciso, porém, que os alunos desenvolvam formas de perceber e apreender a espacialidade cotidiana e os conteúdos ensinados na ciência geográfica que desempenham um processo fundamental para essa compreensão. De acordo com Cavalcanti (2019), dentro de uma perspectiva socioconstrutivista, os conteúdos geográficos devem estar relacionados aos processos de conhecimento e desenvolvimento cognitivo-intelectual do aluno, considerando três características: pessoais, subjetivas e sociais. Retornando à questão enunciada nesse parágrafo, por que nos atentamos aos conceitos do plano de aula?

O desenvolvimento de um modo de pensar geográfico mais amplo e abstrato requer, portanto, a formação de conceitos pelos alunos. O trabalho de transformar o conteúdo geográfico em ferramenta do pensamento dos alunos implica a busca dos significados e dos sentidos dados por eles aos diversos temas abordados em sala de aula, considerando sua experiência vivida; implica também a busca da generalização dos conceitos e o entendimento de sistemas conceituais; e implica, além disso trabalhar com outras dimensões da formação humana, como a emocional e a social, e não somente a cognitiva, a racional (CAVALCANTI, 2019, p.49).

Esse desenvolvimento do modo de pensar implica em uma tentativa de compreender a realidade que tem uma dimensão espacial. O professor deverá tentar ensinar os conteúdos como objetos do pensamento para que os alunos consigam captar essa realidade que é geográfica. Os conceitos geográficos são ferramentas que possibilitam o entendimento e a relação do sujeito-aluno com o mundo (realidade estudada). Ao entrar em contato com esses conceitos o professor deve buscar formas de transpor esses elementos teóricos para o cotidiano dos alunos. Alguns desses conceitos são apontados por Cavalcanti (2019), como o lugar, paisagem, território e a cidade. O lugar seria aquilo que é habitual da vida cotidiana, tendo um espaço mais subjetivo; a paisagem podendo estar no domínio do visível (expressão do espaço), tendo uma forma (paisagem) e um conteúdo (o movimento social); o conceito de território está relacionado com a questão do poder e as formas espaciais dos indivíduos, sendo o

³ De acordo com Carlos (2016) cita as obras de Karl Marx e Henri Lefebvre, que para Maurício de Abreu seria denominado como uma “abordagem marxista-lefebvriana”.



território um campo de forças, de apropriação e ocupação de algum espaço; e a cidade pode ser analisada e estudada como uma paisagem urbana ou rural, lugar de produção social e um arranjo espacial.

O presente trabalho está dividido em algumas partes. Na primeira é apresentado um breve referencial teórico que vai guiar as análises críticas. No segundo momento a metodologia vai nos indicar algumas dificuldades para localizar planos de aula sobre o tema campo e cidade; e alguns procedimentos desenvolvidos durante a pesquisa dos planos de aula. No terceiro momento apresentamos os planos de aula, no sentido mais descritivo, mas fazendo breves considerações. No quarto momento realizamos alguns apontamentos e um possível hipótese associada ao currículo e aos planos de aula. No quinto tópico foi estruturado brevemente a busca por possíveis aprimoramentos nos planos de aula e algumas críticas. Seguimos para a última parte, no sexto momento procuramos apontar possíveis críticas e alguns desvendamentos sobre os planos de aula, currículo, e a ausência das categorias e conceitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A geografia no ensino básico e as questões do campo e da cidade, do rural e do urbano precisam estar relacionadas com uma perspectiva crítica. “Para tanto, precisamos de uma educação que esteja articulada com uma proposta pedagógica cujo ponto de referência seja a transformação da sociedade e não a sua manutenção e perpetuação” (VIEIRA, 2004, p.30). A possibilidade de trabalhar a teoria da produção do espaço e a educação geográfica permite construir caminhos para a interpretação da realidade.

O entendimento do que seja educação geográfica nos coloca diante de dois temas que podem nos orientar na sua efetivação: o pensamento geográfico e a análise geográfica. Estes podem se caracterizar como instrumentais na medida em que vislumbram estabelecer os caminhos para estudar geografia. No entanto, se temos a pretensão de superar a geografia escolar como rol de informações sobre o mundo é fundamental descortinar como fazer essa superação. A análise geográfica é a forma metodológica de estudar o mundo da vida tendo como parâmetros e balizadores a ciência geográfica. Esta se assenta em considerar as informações que são produzidas pela ciência, e que interessam à humanidade, com o aparato teórico da geografia, isto é, com os seus conceitos e categorias de análise. E isso pode levar ao desenvolvimento de um pensamento geográfico, ao mesmo tempo que este pode ser o condutor da análise geográfica (CALLAI; MORAES, 2017, p.84).



É factível a relação da teoria da produção do espaço com a educação geográfica para o entendimento da realidade do sujeito, conseguindo assim mobilizar a categoria de espaço. O espaço está ligado a realidade social, sendo produzido, ou seja, de acordo com Schmid (2012, p.3): “O espaço não existe em “si mesmo”. Ele é produzido”. O espaço é objeto de estudo na geografia, norteador dos seus conceitos e categorias, sendo assim se faz necessário compreendê-lo no sentido da sua produção. Para Lefebvre (2013), o objetivo da teoria da produção do espaço não é elaborar um discurso sobre o espaço, mas apresentar os “[...] diversos tipos de espacios y las modalidades de su génesis” (p.77).

Para Carlos (2011) a sociedade se produz, fazendo isso em um determinado espaço e num dado contexto histórico. Essa sociedade também produz e reproduz, numa relação dialética entre sociedade e espaço. Essa concepção da autora está ligada a uma abordagem marxista-lefebvriana. Para Carlos (2011) a noção de produção tem um caráter histórico e do processo constitutivo do humano. Para a autora o espaço é condição, meio e produto da reprodução social. Tanto o espaço urbano como o espaço rural passam por esta abordagem do espaço enquanto produção e reprodução. Pois, ambos os espaços estão regidos pela lógica de produção capitalista, tendo o espaço como mercadoria e a apropriação privada. A racionalidade do mercado imobiliário está presente no espaço urbano e no rural. O agronegócio, e as formações dos latifúndios se apropriam do espaço rural enquanto valor de troca. Os sujeitos da produção envolvem os sujeitos da ação, como o estado, capital e os sujeitos sociais.

Para Sposito (2011) não existe cidades sem a divisão social do trabalho. Para a autora o modo capitalista de produção criou um sistema-mundo. O **espaço rural e o espaço urbano** são marcados pela divisão social do trabalho. Ainda para Sposito (2011) a cidade não deve ser vista como uma unidade, pois suas articulações entre ela e o campo são intensas. Mesmo com esses fatores que coincidem no espaço rural e urbano, existe uma forte oposição. A divisão e oposição entre cidade e campo, indústria e agricultura, em suas formas modernas, correspondem à culminação do processo de divisão e especialização do trabalho que, com o capitalismo, foi desenvolvido a um grau extraordinário (MEDEIROS, 2002, p.103). As terras urbanas e rurais passam por processos de fragmentação e de segregação. De acordo com Medeiros (2002), o espaço urbano e o espaço rural são partes constitutivas de uma totalidade. O processo de divisão do trabalho marcou a separação ente produção e comércio, dando origem aos



comerciantes e a uma divisão do trabalho entre as cidades. A produção agrícola, nesse momento dá espaço as cidades que se tornam lugares de produção. E o espaço rural?

O espaço rural corresponde a um meio específico, de características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparecem como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e recriação de formas sociais de forte inscrição local, ou seja, de territorialidade intensa (MEDEIROS, 2002, p.109).

De acordo com Medeiros (2002) o espaço rural tem uma densidade menor da população, tendo um maior número de paisagens com vegetação, o sistema econômico é marcado pela agricultura, o modo de vida dos habitantes do espaço rural está mais intrínseco, talvez com uma relação mais direta com o espaço e as identidades relacionadas a cultura vivida no campo. Esses são alguns dos elementos que diferenciam o espaço rural do espaço urbano. A autora ainda apresenta que a definição aqui no Brasil tem como critério o caráter político-administrativo, um desses critérios é a densidade demográfica, seguindo a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Não vamos adentrar a explicações sobre o uso do rural e do campo, mas é importante salientar que existe o debate sobre essas duas concepções nos estudos da Geografia Agrária.

Para que o aluno compreenda as diferenças entre o campo e a cidade é importante que o professor leve o aluno a desenvolver pensamento crítico. Baseado nisso, acreditamos que ao analisar com seus alunos o espaço urbano e o espaço rural do Brasil, o professor não pode deixar de levá-los a compreender as relações existentes entre estes espaços, e a dinâmica global determinante destas relações (VIEIRA, 2004, p.36). Alguns parâmetros básicos devem ser considerados para trabalhar com a questão do espaço rural e do espaço urbano, como propõe Duarte (2009, p. não paginado) (quadro 01):

Quadro 01 – Alguns parâmetros para trabalhar o espaço rural e o espaço urbano no ensino de geografia

- | |
|---|
| 1. Primeiro parâmetro básico: O primeiro parâmetro básico é ter clareza da distinção entre espaço rural e atividades primárias. É bastante comum a visão de que o campo, o espaço rural, é o <i>locus</i> exclusivamente da agricultura, da pecuária e do extrativismo. |
| 2. Segundo parâmetro básico: É a necessidade de problematizar o critério |



nacional de definição de aglomerado urbano e confrontá-lo com outros critérios mundialmente adotados e que servem para ampliar as noções de espaço urbano pelos alunos.

3. Um terceiro parâmetro para a temática em tela é a necessária abordagem da multiplicidade de atividades que podem ser encontradas atualmente nos espaços rurais.

4. Um Quarto parâmetro: os dois espaços apresentam naturezas e características distintas, o que não autoriza, portanto, qualquer conclusão quanto ao fim dos espaços rurais.

Fonte: Duarte (2009). Org.: Autor, 2020.

Durante a análise dos planos de aula é possível identificar a tentativa da autora de definir o conceito de trabalho, já que este norteará as aulas. Compreendemos aqui, o conceito de trabalho numa perspectiva marxista. “O trabalho possui um momento universal, antropológico, o momento da objetivação e auto-criação humana e um momento particular, histórico, o trabalho assalariado, produtor de mercadorias, a atividade capitalista” (OLIVEIRA, 2010, p.73).

METODOLOGIA

A pesquisa buscou analisar os planos de aula, o tipo de abordagem, conjuntamente ao referencial teórico sobre o tema do campo e da cidade associada as reflexões que partem da teoria da produção do espaço. Essa pesquisa tem como base referências bibliográficas. Os planos de aula estão disponíveis no site da Associação Nova Escola. Foram analisados dois planos de aula porque compreendemos, assim como Libâneo (2009, p.241), que “o plano de aula é um detalhamento do plano de ensino. As unidades e subunidades (tópicos) que foram previstas em linhas gerais são agora específicas e sistematizadas para uma situação didática real”.

Os dois planos de aulas tiveram como critério os elementos trabalhados em conjuntos sobre o campo e a cidade. Os planos de aula estão relacionados a unidade temática mundo do trabalho, tendo como objetivo do conhecimento o trabalho no campo e na cidade. As habilidades são as do item (EF04GE07): *Comparar as características do trabalho no campo e na cidade*, como informado por Couto (2019), as aulas estão alinhadas à BNCC. Os planos de aula (chamamos de planos de aula, mas ele está dividido em várias partes, podendo ser reunido em um único plano de aula.) selecionados no site da Associação Nova Escola apresentam as seguintes características: Unidade Temática: Mundo do trabalho no campo e na cidade - O Plano de aula 01: O



trabalho no campo e na cidade: O objetivo(s) de aprendizagem é identificar no campo e na cidade os diferentes tipos de trabalho. A habilidade(s) da BNCC é a EF04GE07 – Comparar as características do trabalho no campo e na cidade; aula de 50 minutos. Plano de aula 02: O trabalho nas feiras livres: o comércio no campo e na cidade: O objetivo(s) de aprendizagem é reconhecer as feiras livres como um local de trabalho no campo e na cidade. A mesma habilidade e tempo da aula 01. No conteúdo disponibilizado no site é possível encontrar quatro itens: As atividades, os materiais e atividades (materiais complementares), adaptação para o ensino remoto e sobre o plano de aula. A primeira parte a atividade é dividida em: 1. Sobre este plano; 2. Tema da aula; 3. Contextualização; 4. Problematização; 5. Ação propositiva e 6. Sistematização. Essa parte conta com um slide de orientação e alguns elementos que podem ser projetados na sala de aula. A segunda parte conta com os materiais e atividades como texto, questões para serem impressas e algumas atividades para serem desenvolvidas na sala de aula. A terceira parte apresenta a adaptação para o ensino remoto, tem como ferramentas sugeridas o WhatsApp, e-mail e o wordart. A quarta, e última parte, tem a informações sobre o plano de aula e os autores que ajudaram a produzir.

Dois modos foram usados para a pesquisa dos planos de aula. O primeiro momento buscou-se através das palavras-chave: urbano e rural e campo e cidade. Esta primeira tentativa dificultou a pesquisa pelo material. O segundo momento foi localizar através das habilidades BNCC que usa código alfanumérico, tendo a seguinte representação (imagem 01):

Imagem 01 – Composição do Código alfanumérico



Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p.30). Org.: Autor.



Buscou-se compreender a parte geográfica e pedagógica dos planos de aula. E ainda, a forma como esses elementos estão relacionados com a educação geográfica. Além disso, um ponto importante da pesquisa é a apresentação das contribuições de pensar e praticar uma educação geográfica de forma crítica. A relevância dessa investigação é apresentar o que há por trás da construção de um plano de aula orientado pela BNCC; pretendendo identificar quem produziu os planos de aula, descrever os procedimentos e indicar os aspectos ideológicos. Por fim, analisar a possibilidade de associar a teoria da produção do espaço com a educação geográfica.

Desse modo, a teoria da produção do espaço é indicada como possibilidade para auxiliar as categorias e os conceitos da ciência geográfica para a leitura da realidade. Para que seja possível combater a fragmentação do conhecimento, com efeito de construir uma educação geográfica crítica partindo do espaço vivido dos alunos.

OS PLANOS DE AULA

O primeiro plano de aula se chama: *O trabalho no campo e na cidade*; o tema está previsto para ser realizado em uma aula de 50 minutos. O slide 1 – Sobre este plano de aula é um resumo do conteúdo da aula para que o professor se planeje. Um dos pontos positivos dos planos de aula é esta questão do planejamento, as informações sobre os materiais necessários e complementares. A autora indica que a habilidade trabalhada nesse plano de aula pode ser desenvolvida ao longo de todo o ano, e que a unidade temática não está desenvolvida na sua totalidade. Espera-se que os alunos sejam capazes de identificar os diferentes tipos de trabalhos no campo e na cidade. As atividades são indicadas para serem trabalhadas em dupla ou trio; os materiais devem ser impressos (se possível) e entregues aos grupos. Ainda, no slide 1, a autora apresenta o contexto prévio, o qual indica que para ajudar na compreensão dos alunos, eles deveriam ter passado pela observação, descrição e comparação da paisagem do campo e da cidade.

Sobre o conteúdo da aula, primeiro apontamos sobre o tempo, concordamos com a autora sobre sugerir e não definir o tempo de cada processo da aula, devido as dinâmicas da sala de aula. O primeiro elemento trabalhado na aula é o conceito de trabalho. O plano solicita que o tema seja escrito na lousa, projetado ou apresentado de forma oral. No contexto prévio, o plano de aula aponta para a importância de os alunos já saberem identificar o espaço urbano e o espaço rural. O conceito de trabalho é



definido de forma superficial, sem aprofundamento e material de apoio. Tem-se apenas um texto para no tópico: Para saber mais sobre as diferenças entre rural e o urbano. No slide 3 – contextualização, o tempo sugerido é de 7 minutos, o plano de aula apresenta um anúncio de classificados de um jornal sobre oferta de trabalho e solicita que o professor chame a atenção para a vaga de motorista que pode ser desenvolvida no campo e na cidade. O anúncio deve ser impresso e entregue aos grupos. Um elemento muito importante que nos chama a atenção é o tópico: *Como adequar à sua realidade*, que solicita que os jornais locais sejam consultados. O slide – 4 apresenta a problematização (tempo sugerido: 6 minutos), ela acontece em torno do questionamento sobre os tipos de trabalho realizado no campo e na cidade, destacando as características de cada paisagem como as atividades econômicas e a organização espacial. No item como adequar à sua realidade, a autora indica que o município que os estudantes vivem pode ser usado de exemplo para identificar os tipos de trabalho do campo e da cidade.

No slide 5, ação propositiva (tempo de 20 minutos), os alunos receberam uma folha da atividade “O que tem a ver”, com palavras de atividades econômicas desenvolvidas no campo e na cidade (agricultura, professor, comércio, soldador, empacotados, pescador dentre outros). Os alunos devem associar as atividades econômicas ao campo e/ou a cidade. O professor deverá refletir junto com os alunos sobre a atividade e destacar as atividades econômicas que são desenvolvidas em ambos os espaços. Para finalizar, no slide 6, sistematização, é solicitado que os alunos elaborem um anúncio de emprego, podendo escolher uma atividade econômica e uma profissão relacionado a ela. O plano sugere que os alunos tomem como base os empregos dos familiares. Chame a atenção da turma para as principais atividades econômicas realizadas no município (COUTO, 2019, não paginado). Cada grupo deverá produzir seu anúncio em uma folha de papel ofício e depois apresentar suas produções. O material complementar traz um texto de apoio com o título: Rural/urbano e campo/cidade: características e diferenciações em debate. O texto apresenta nove critérios que diferenciam e conectam em alguns momentos o campo e a cidade. É um texto da área de geografia agrária, para embasar o debate do professor. O que podemos considerar como um ponto positivo, dado a qualidade do material complementar e por ser da área da ciência geográfica. As indicações sobre os apontamentos e sugestões serão feitas na próxima seção.



O segundo plano de aula tem as mesmas características e divisões. *Tem como tema: O trabalho nas feiras livres: o comércio no campo e na cidade.* O slide 1 (tempo sugerido: 3 minutos) contém os elementos de planejamento para o professor e os materiais. A indicação da aula busca a possibilidade dos alunos em reconhecer as feiras livres como um importante local de trabalho para a população do campo e da cidade. Nesse slide temos os materiais necessários, complementar, como adequar à sua realidade e para você saber mais (para o professor). O slide 2 (tempo sugerido: 6 minutos), tema da aula, solicita que após a apresentação do título deve ser ressaltado a importância das feiras livres como espaço de comércio encontrados no campo e na cidade; as mercadorias são produzidas por outros trabalhadores do campo e/ou da cidade. No slide 3 e 4 é solicitado que seja projetado ou impresso as seguintes imagens:

Imagem 02 e 03: Fotos apresentadas no plano de aula



Fonte: Couto, 2019.

É solicitado que seja formado duplas ou trios. Deverá ser chamada atenção sobre o lugar, diferença de cada feira e se os alunos frequentam ou conhecem algum local parecido. É importante tecer reflexões sobre os trabalhadores desses espaços; relacionando com a realidade dos alunos, como por exemplo as feiras livres do município onde moram. Pode ser utilizada imagens de feiras livres do município dos alunos. No slide 5 (tempo sugerido: 7 minutos), problematização, questionar sobre os trabalhos nas feiras, o papel do feirante, e sua relação como produtor e comercializador; semelhanças e diferenças e o que é vendido (comercializado). É indicado para o professor no tópico *para saber mais*: o site das feiras livres pelo Brasil e a monografia na sua introdução sobre as feiras livres. No slide 6 (tempo sugerido: 20 minutos), ação propositiva é entregue um texto “O trabalho do feirante” dividido em tiras. Os alunos deveram ordenar o texto em uma folha em branco, em torno de 10 minutos. Após o



tempo, o professor deverá passar pelos grupos apreciando a atividade e depois, professor e a turma, iniciam o real ordenamento do tempo procurando refletir sobre cada parte. E por último, no slide 7 (tempo sugerido: 14 minuto), sistematização, os grupos deveram registrar no caderno as questões apresentadas pelo professor: Vamos caracterizar o trabalho do feirante respondendo as questões: onde? Quando? Como? Após as repostas, o professor solicitará que os alunos partilhem suas respostas. O professor poderá retomar questões relacionadas questões sobre: as feiras acontecem no campo e na cidade; feiras temporárias e permanentes e o trabalho dos feirantes, com os membros da família ou sozinho.

No material complementar é apresentado a introdução da monografia “O turista vai à feira” de Maria Jussara Caetano de Medeiros, trabalho de conclusão de curso em Geografia do ano de 2012. A introdução aponta a feira como entremeios na relação entre o campo e a cidade, lugar de encontro, comércio e cultura. Apontamos, novamente, a importância da qualidade do material complementar para dar suporte ao professor e mais elementos para discussões.

As adaptações para o ensino remoto algumas diferenças como ferramenta sugerida: WhatsApp, e-mail e word; pesquisa no dicionário; Valor trabalhado: - Direitos Humanos e Cidadania e Convite às famílias para assistirem vídeos. É verificado o uso de muitas imagens, vídeos e poucos textos.

Os planos de aulas são muito dinâmicos, consideram a relação campo e cidade como fundamentais, além de apontar para os trabalhadores de cada espaço. Mas, como nada é o que parece, o próximo tópico apresenta os principais pontos relevantes dos planos de aula e as críticas sobre a ausência de conceitos e categorias da ciência geográfica aliada a uma possível hipótese.

APONTAMENTOS: UMA POSSÍVEL HIPÓTESE

Por que apontamos as questões apresentadas no plano de aula que trabalha com o campo e com a cidade, e acabamos esbarrando no currículo, especificamente na BNCC, tratando este ponto como aspectos ideológicos? Os problemas relacionados à crise econômica como a produtividade e eficácia vertendo para a educação, as lógicas, modelos e paradigmas de uma forma mercadológica-empresarial, fizeram com que as políticas curriculares fossem espaços de disputas. A concepção de valores de excelência, livre escolha e eficácia, transformaram as decisões sobre os caminhos



curriculares no ensino de geografia em espaços de deslegitimação político-ideológico do currículo, com a desculpa da falha do sistema de educação em formar mão-de-obra qualificada, que deveriam ser adaptáveis com caráter flexível para atender as demandas do mercado, ou seja, que buscassem na performatividade sua solução. “A performatividade é uma tecnologia, uma cultura e um método de regulamentação que emprega julgamentos, comparações e demonstrações como meios de controle, atrito e mudança” (BALL, 2005, p.543).

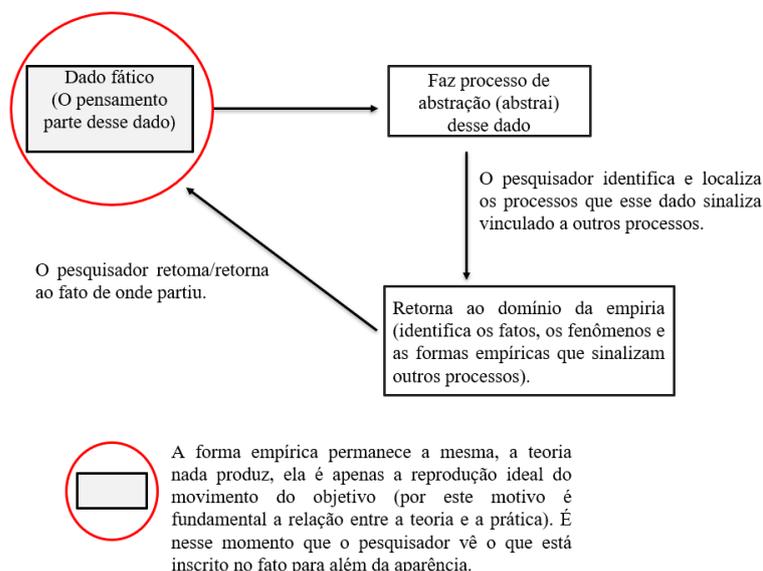
Destacamos alguns elementos da BNCC. Ao ser consultado a BNCC com as seguintes palavras-chave: rural e urbano, foram identificadas as seguintes quantidades: a palavra rural aparece 7 vezes. Se tratando do ano o currículo faz o seguinte apontamento: No 3º e no 4º ano contemplam-se a noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade, com ênfase nas diferenciações entre a vida privada e a vida pública, a urbana e a rural (BRASIL, 2018, p.404). Ao tratar do ponto da relação campo/cidade destaca:

Do mesmo modo, é necessário que eles diferenciem os lugares de vivência e compreendam a produção das paisagens e a inter-relação entre elas, como o campo/cidade e o urbano/rural, no que tange aos aspectos políticos, sociais, culturais, étnico-raciais e econômicos (BRASIL, 2018, p.367).

A BNCC cita durante seu texto as habilidades e competências que os alunos deveriam ter que desenvolver durante seu processo aprendizagem. O documento seria um norteador para os professores, no qual apresenta as unidades temática, objetivos de conhecimento e as habilidades. Existe dificuldades dos professores na aplicação do currículo no cotidiano escolar. Uma questão aparece: Como trabalhar uma educação geográfica pautada na tentativa de despertar uma conscientização do sujeito. Os planos de aula devem considerar a realidade dos alunos, pois o conhecimento se faz através da análise sobre o movimento da vida, no embate entre teoria e prática. É fundamental articular a teoria e a prática, é assim que nasce o conhecimento teórico, tomando a factualidade (imagem 04), indo em direção do movimento de abstração para identificar os elementos que implicam e explicam a realidade.



Imagem 04 – Processo de produção/construção do conhecimento



Fonte: Netto, Curso O Método em Marx, 2002. Org.: Autor.

Dado a representação na imagem 04 é possível levantar a seguintes hipóteses: Existe uma grande dificuldade dos professores e do próprio processo do conhecimento que é fragmentado, associado as ciências parcelares, o qual dificulta a relação entre teoria e prática vinculada a realidade dos alunos. E tratando das questões relacionadas ao campo e a cidade, a formulação de estereotípias sobre o campo, tendo o ensino do urbano como parte que reforça esse processo, provocando o distanciamento entre a realidade dos alunos e o ensino de geografia. Dada a formação de conceitos ser abstrata, ou ainda estar em um processo abstrato-concreto, essa tentativa de construir conceitos passa pela construção de instrumentos simbólicos. Seja como for o professor deverá se ater a esses processos no seu planejamento e plano de aula. “Uma das formas de contribuir para o desenvolvimento do raciocínio espacial é a formação de conceitos” (CAVALCANTI, 2019, p.48).

DO COMPARATIVO À APLICAÇÃO

Os planos de aula foram elaborados por Mônica de Oliveira Ribeiro Couto. A autora dos planos de aula é formada em Geografia e Análise Ambiental (UNIBH),



Especialista em Estudos Ambientais (PUC/MG)⁴; trabalha na Secretária de Estado da Educação de Minas Gerais, SEEMG em Belo Horizonte; na área de Serviço Social da Indústria, SESI; trabalha com elaboração de material didático pedagógico na Sociedade Educadora Lagoa da Pampulha Ltda, SELP e presta serviços para a Associação Nova Escola⁵.

Usando o seguinte item (EF04GE07), conseguimos localizar os planos de aula no site da Associação Nova Escola. É fundamental analisarmos o site que disponibilizou os planos de aula. A mantenedora da Associação Nova Escola é a Fundação Lemann. É uma fundação de organização familiar sem fins lucrativos, fundada no ano de 2002⁶. Faz parte do movimento “Todos pela educação”⁷, com matenedores de iniciativa privada. Tem-se o discurso no site da fundação de uma educação pública e de qualidade. A Fundação Lemann é mantida pela iniciativa privada. O slogan mediado pela ideologia empresarial, tem interesses nos investimentos públicos da educação básica. Um dos parceiros é a think tank⁸ Fundação Getúlio Vargas (FGV), reforçadoras de ideias empresariais e os aspectos de uma educação que atenda o capital. Passa por aí, as conexões do público existentes entre o público e o privado. De acordo com as informações do site da associação:

A Nova Escola é uma organização de Educação e a marca mais reconhecida por professoras e professores de Educação Básica no Brasil. Desenvolvemos produtos, serviços e conteúdos que valorizam os professores, facilitam seu dia-a-dia e apoiam sua carreira (Nova escola, 2020, não paginado).

Nos planos de aula analisados a autora tenta apresentar o mundo do trabalho, mas esbarra na falta de categorias e conceitos. O trabalho é central nos dois planos de aula. Mas este caminha no sentido comparativo e descritivo da realidade. A falta de trabalhar com conceitos e categorias pode dificultar a aplicação dos planos de aula, o desenvolvimento de um raciocínio espacial e a compreensão da realidade através da ciência geográfica.

Uma das soluções para aprofundar os conceitos, categorias, problematização e as ideias é a busca por um referencial teórico dentro do ensino e do tema do mundo do trabalho na geografia, para organizar algumas noções básicas em torno da ideia central

⁴ <https://br.linkedin.com/in/monica-de-oliveira-ribeiro-couto-07727b23>

⁵ Currículo Lattes: <https://bityli.com/7ksAV>

⁶ <https://fundacaolemann.org.br/somos#somos-how>

⁷ https://www.todospelaeducacao.org.br/pag/quem-somos/#bloco_356

⁸ Tradução para o português ficaria: pensar, taque de opiniões, reservatório.



da aula. Aqui propomos a teoria da produção do espaço para uma educação geográfica. Para além do ensino de geografia. Visto que, os fundamentos de um plano de aula passam pela forma como os professores apreendem a realidade e aplicam seu conhecimento.

De acordo com Lefebvre (2013) existe diferentes espaços (físico, mental e o social). A educação geográfica deve estar atenta a estes diferentes espaços com o objetivo de se conectar a realidade material e imaterial dos alunos. Como o aluno pode dominar o conhecimento geográfico através da teoria da produção do espaço? Como o professor pode fazer uso da teoria da produção do espaço para fundamentar o seu processo pedagógico que abarque a materialidade (objetos, construções, a rua, a casa, dentre outros) e a imaterialidade (criatividade e a subjetividade)? Compreendendo o espaço e o ato de produzir como social. “El espacio (social) es un producto (social) (LEFEBVRE, 2013, p.86). A teoria da produção do espaço faz o professor e o aluno se movimentar na direção da teoria e da prática, através do plano do vivido, de forma crítica, observando as contradições da realidade de cada sujeito. Levando em consideração as tríades lefebvrianas é importante assinalar que o plano do vivido possui uma riqueza fundamental para alcançar a vivência dos alunos e alunas.

Em alternativa para a educação geográfica apresenta-se a seguinte tríade das dimensões da espacialidade: “La tríade percebido-concebido-vivido (que em términos espaciales puede expresarse como *práctica del espacio-representaciones del espacio-espacios de representación*) pierde su alcance si se le atribuye el estatuto de un <<modelo>> abstracto” (LEFEBVRE, 2013, p.99). Para compreender minimamente o pensamento do autor é fundamental levar em consideração que a tríade vivido, percebido e concebido é insuficiente para explicar todos os processos da sociedade capitalista, esta não pode se autonomizar e instrumentalizar. **O Espaço concebido (Representações do espaço):** [...] el espacio de los científicos, planificadores, urbanistas, tecnócratas fragmentadores, ingenieros sociales y hasta el cierto tipo de artistas próximos a la cientificidad [...] (LEFEBVRE, 2013, p.97); **Espaço percebido (prática espacial):** nível da produção e da reprodução das relações sociais de produção; mediação da vida cotidiana; **Espaço vivido (espaços de representação):** O espaço dos habitantes e usuários; o espaço físico. “Se trata del espacio dominado, esto es, pasivamente experimentado, que la imaginación desea modificar y tomar” (LEFEBVRE, 2013, p.98).



A educação geográfica deve considerar a realidade dos alunos, pois o conhecimento se faz através da análise sobre o movimento da vida, no embate entre teoria e prática. É fundamental articular a teoria e a prática, é assim que nasce o conhecimento teórico, tomando a factualidade, indo em direção do movimento de abstração para identificar os elementos que implicam e explicam a realidade concreta. Quais conteúdos devem ser ensinados para os alunos? “O conteúdo a serem ensinados são aqueles considerados relevantes para compreender a espacialidade atual” (CAVALCANTI, 2019, p.47). O que seria proposto para uma educação geográfica associada a produção do espaço, tomando como exemplo os planos de aulas: 1. Quais as contradições no rural e no urbano, no campo e na cidade? Nessa questão seria acionado o movimento do pensamento dialético. 2. Qual é a produção do espaço e a sua relação com o trabalho? A teoria da produção do espaço apresenta uma incorporação entre as categorias de espaço e cidade. Qual a diferença do tempo e do espaço no urbano e no rural? “O espaço representa simultaneidade, a ordem sincrônica da realidade social. Tempo, por outro lado, denota a ordem diacrônica e, assim, o processo histórico da produção social” (SCHMID, 2012, p.3). Qual a diferença entre cidade e urbano? Entre campo e rural?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao seguir um plano de aula consultado nesse site, o professor e professora deverá compreender que este tem que se relacionar com a realidade do aluno. Outro elemento é a forma como a BNCC aborda o tema do mundo do trabalho, e as categorias e conceitos da ciência geográfica. Pobre ou às vezes ausente de conceitos e categorias, os planos de aula que seguem à BNCC, verificamos um empobrecimento conceitual e ausência de autores(as) importantes da ciência geografia. Afirmamos, a BNCC está por detrás da falta de articulação dos planos de aula analisados e sua falta de conceito e categorias. Trata-se de planos de aulas técnicos. Associado ao currículo, que é território de disputa, temos a Associação Nova Escola de caráter privado, mas com enormes interesses no investimento público para educação. O que está por detrás desses planos de aulas? Uma tentativa de fazer o aluno compreender a relação campo e cidade, mas caminha mais no sentido do esvaziamento de conceitos e o reforço de estereótipos; um currículo nacional pobre em conceitos e categorias da ciência geográfica e uma associação privada.



Poderíamos afirmar que um plano de aula é um processo que tem impacto na aprendizagem dos alunos, ele é um ato político e/ou reforçador de processos desvinculados de uma educação para a vida? Segue a afirmação para todos esses apontamentos. O Plano de aula pode ser visto como ferramenta de poder. Uma outra lógica de poder que deve estar nas mãos dos professores é considerar a realidade dos alunos e suas vivências no processo da construção do conhecimento como possibilidade de mediação. O ensino de geografia apoiado nas suas bases teórica-metodológica, conceitos e categorias é uma ferramenta de subversão, pois contribui para a compreensão dos alunos sobre espacialidade dos fenômenos.

Toda elaboração estritamente técnica para a educação precede um anúncio: a visão mercadológica da educação e o enfraquecimento da geografia escolar. Um plano de aula não é uma elaboração simples, envolve objetividades e subjetividades. A BNCC trabalha com a construção de um currículo apontando aprendizagens essenciais, ou seja, “aprender aquilo que será útil”. Mas ao usar do utilitarismo é reforçado a seguinte questão: “se este é bom, aquele não é”. Coloca-se sempre dois termos, duas questões, para opor e escolher a melhor, e não para elaborar uma síntese sobre o movimento das contradições da realidade. Mesmo com a tentativa de relacionar o campo e a cidade o plano de aula que segue o currículo, não verificamos elementos suficientes para apresentar os conceitos e categorias que diferenciam sem fragmentar. No chão da sala de aula os planos de aulas se ressignificam, em alguns momentos os alunos e os professores resistem e ressignificam, mesmo que não seja visivelmente nítido o embate.

A teoria da produção do espaço não trata apenas da categoria espaço, mas busca apresentar as diversas dimensões e espaços da realidade social. A nível de categoria e conceitos na ciência geográfica, pode servir como uma perspectiva teórico-metodológica desses conceitos e categorias. A produção do espaço é uma teoria de como ler/viver a realidade social e superá-la. A educação geográfica apoiada nas suas bases teórica-metodológica pode utilizá-la como ferramenta de subversão, pois contribui para a compreensão dos alunos sobre espacialidade dos fenômenos sociais, contra os termos reducionistas da BNCC.



REFERÊNCIAS

BALL, Stephen. **PROFISSIONALISMO, GERENCIALISMO E PERFORMATIVIDADE**. *Cadernos de Pesquisa*, v.35, n.126, p.539-564, set./dez. 2005.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: <https://bityli.com/ZG4Jn>. Acesso em: 30 jun. 2021.

CALLAI, H. C.; MORAES, M.M. Educação Geográfica, cidadania e cidade. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017. pp.82-100.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. p. 53 - 73. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria da Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1ed.,4.reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. Ana Fani Alessandri Carlos (Org.) Maria Encarnação Beltrão Sposito (Org.) Marcelo Lopes de Souza (Org.) São Paulo: Contexto, 2011. p.234.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O desenvolvimento do pensamento geográfico: orientação metodológicas para o ensino. In: **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Lana de Souza Cavalcanti. Gôiania: C&A ALFA COMUNICACAO; 1ª Edição (1 janeiro 2019), p.252.

COUTO, Mônica de Oliveira Ribeiro. **Plano de aula: O trabalho nas feiras livres: o comércio no campo e na cidade; Plano de aula: O trabalho no campo e na cidade**. Disponível em: <https://bityli.com/thSuc>. Acesso em: 05 jun. 2021.

COUTO, Mônica de Oliveira Ribeiro. **Plano de aula: O trabalho nas feiras livres: o comércio no campo e na cidade**, maio de 2019. Disponível em: <https://bityli.com/thSuc>. Acesso em: 02 set. 2021.

COUTO, Mônica de Oliveira Ribeiro. **Plano de aula: O trabalho no campo e na cidade**. Associação Nova Escola, abril de 2019. Disponível em: <https://bityli.com/8Ms3I>. Acesso em: 03 set. 2021.

DUARTE, R. G. A Geografia no Ensino Básico frente aos novos cenários rurais e urbanos na América Latina. **Observatório Geográfico América Latina**. Disponível em: <https://bityli.com/x0i0c>. Acesso em: 03 set. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida cotidiana no mundo moderno** (Trad. Alcides João de Barros). São Paulo, Editora Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.



LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Editora : Cortez; 1ª Edição (10 março 2009), p.264.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O CONCEITO DE ESPAÇO RURAL EM QUESTÃO. **Terra Livre**, São Paulo, v. 19, p. 95-112, 2002. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/160>. Acesso em: 29 set. 2021.

NETTO, José Paulo. **Curso: O Método em Marx na pós-graduação em Serviço Social da UFPE**. Disponível em: < <https://bityli.com/m2dS0>> . Acesso em: 03 set. 2021.

Renato Almeida de Oliveira. A CONCEPÇÃO DE TRABALHO NA FILOSOFIA DO JOVEM MARX E SUAS IMPLICAÇÕES ANTROPOLÓGICAS. **Kínesis**, Vol. II, nº 03, Abril-2010, p. 72 – 88. Disponível em: < <https://bityli.com/M7Z8n>>. Acessado em: 03 set. 2021.

SCHMID, C. A TEORIA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE HENRI LEFEBVRE: EM DIREÇÃO A UMA DIALÉTICA TRIDIMENSIONAL. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 89-109, 2012. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74284. Disponível em: <https://bityli.com/NNdTK>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SPOSITO, Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. Ana Fani Alessandri Carlos (Org.) Maria Encarnação Beltrão Sposito (Org.) Marcelo Lopes de Souza (Org.) São Paulo: Contexto, 2011. p.234.

TESSMANN, Jéssica; DUARTE, Tiaraju; DIAS, Liz. O ensino de Geografia no contexto da educação do campo: mapas mentais e os espaços de vivência. **Revista Interface**, Edição nº 09, junho de 2015 – p. 111-130.

VIEIRA, Noemia Ramos. O Conhecimento Geográfico Veiculado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia e o Espaço Agrário Brasileiro: Reflexões para uma Geografia Crítica em Sala de Aula. **Revista NERA**. Pres. Prudente, Ano 7, n. 4, jan./jul. 2004, p. 29-41. Disponível em: <https://bityli.com/litFb> Acesso em: 28 jun. 2021.